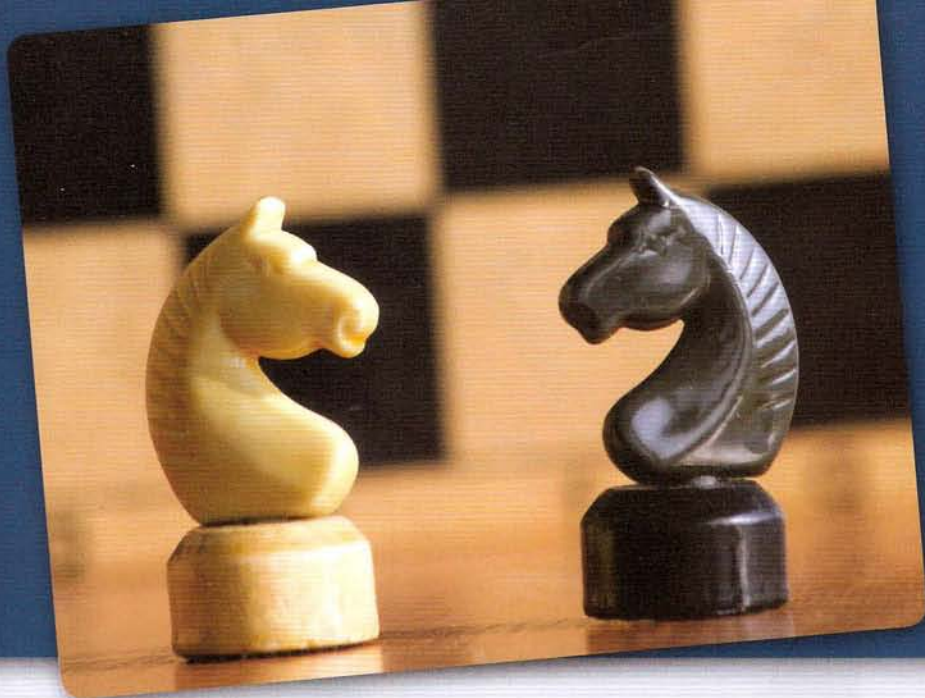


União que gera inovação

Antônio Britto



Os processos de fusões e aquisições no setor farmacêutico tornaram-se, nos últimos anos, uma alternativa e um dos meios mais eficazes para ajudar as empresas a superar dilemas internos. Incapazes, por vezes, de promover o seu crescimento orgânico, as empresas vão às compras para garantir mercado, ampliar sua área geográfica e escopo de atuação.


Historicamente, a indústria farmacêutica viveu um mundo dividido, alicerçado no conceito maniqueísta de que, de um lado, deveriam estar as empresas nacionais e, de outro, as multinacionais. A decisão de promover fusões e aquisições sempre fez parte do dinâmico jogo do negócio no setor farmacêutico, mas entre as circunstâncias de mercado, uma em especial acabou por desenhar, a traços livres, um cenário pouco favorável: a de que as grandes invenções que geram os blockbusters (recordistas de vendas) tornaram-se cada vez mais escassas, apesar dos altos e contínuos investimentos globais em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) – algo em torno de US\$ 800 a US\$ 1 bilhão, ou cerca de 20% do faturamento das empresas. Com um agravante: o retorno nem sempre é garantido. Estima-se que de cada 100 mil moléculas desenvolvidas apenas uma torna-se medicamento.

As mudanças provocadas pelo admirável mundo novo do segmento

farmacêutico vieram desfazer, como o tsunami, o antagônico mundo que colocava as companhias nacionais e multinacionais em lados opostos. As empresas globais continuarão, sem dúvida, a investir bilhões em pesquisa e desenvolvimento, mas, na outra ponta, passaram a adquirir fabricantes de genéricos como parte da estratégia de negócios mundo afora. No Brasil, nos últimos três anos, a participação das empresas de pesquisa no mercado de genéricos simplesmente triplicou, especialmente pela aquisição de empresas líderes. Em contrapartida, as empresas de genéricos perceberam que produzir somente commodities agrega pouco valor ao negócio, tendo, além de tudo, que enfrentar ferozes competidores, como Índia e China. Assim, essas empresas passaram a enxergar com outros olhos, a possibilidade de fazer pesquisa – não necessariamente a pesquisa radical que levará ao desenvolvimento de novos medicamentos –, mas sim de alternativas que lhes possibilitem ir além da produção de cópias.

Nesse cenário complexo, a busca por inovação não apenas transformou o setor, como se constitui em elo para permitir a sobrevivência de muitas empresas. Nessa nova era, a contribuição da Interfarma é decisiva sob dois importantes aspectos: um deles é a aproximação entre laboratórios

farmacêuticos multinacionais e centros de pesquisa, universidades e pesquisadores, por meio de eventos e rodadas de negócios que poderão, assim se espera, transformar essas conversas em projetos conjuntos de pesquisa aplicada com benefícios para toda a sociedade. O outro é uma profunda mudança no Estatuto Social da entidade que deixa de ser, a partir de agora, identificada como associação das empresas multinacionais de pesquisa e passa a representar empresas e instituições nacionais de pesquisa, universidades, pequenos empreendedores e pesquisadores autônomos.

A constante busca por novidades e novos mercados é um esforço que deve ser empreendido pelas empresas para permitir, no futuro breve, gerar mais conhecimento, capacitação profissional e transferência de tecnologia. À Interfarma cabe o papel de abrir espaço para o desenvolvimento de projetos conjuntos e estimular a interação entre diferentes agentes de inovação, além de lutar pelos interesses comuns, como a produção científica e o investimento em pesquisa e desenvolvimento de novos medicamentos para o bem do paciente brasileiro e do País. 

Antônio Britto é Presidente da Interfarma – Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa.
E-mail: interfarma@interfarma.org.br